

NARCISISMO REATIVO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA CONTEMPORÂNEA: CULPA SUBSTITUÍDA PELA VERGONHA?

Mary Rute Gomes Esperandio

Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, Brasil

RESUMO: O texto apresenta um recorte da reflexão desenvolvida na tese de doutorado: “*Narcisismo e sacrifício: Modo de subjetivação e religiosidade contemporânea*” (Esperandio, 2006). Trata-se de uma análise da experiência religiosa promovida pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) a partir da sua proposta de sacrifício. A abordagem trabalha com a concepção de narcisismo ativo e reativo e defende a idéia de que a prática do sacrifício, tal como proposta pela IURD, articula elementos do narcisismo reativo e estabelece-se como uma *tecnologia do eu*, usada como remédio para lidar com a experiência contemporânea da vergonha.

PALAVRAS-CHAVE: Narcisização; forças ativas e reativas; sacrifício; experiência religiosa.

REACTIVE NARCISSISM AND CONTEMPORARY RELIGIOUS EXPERIENCE: A SHIFT FROM GUILT TO SHAME?

ABSTRACT: This text presents part of the reflection developed in my Doctoral Thesis on “*Narcissism and sacrifice: Mode of subjectivation and contemporary religiosity*” (Esperandio, 2006). It analyses the religious experience supported by the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG) on its proposal of sacrifice. This approach sustains the conception of active and reactive narcissism and defends the idea that such practice of sacrifice proposed by UCKG relates some elements of reactive narcissism and establishes itself as a Technology of Self used as a remedy to deal with the contemporary experience of shame.

KEYWORDS: Narcisisation; active and reactive forces; sacrifice; religious experience.

Considerações Iniciais

Uma terça-feira de maio de 2006, dia 17, às 19 horas. Estou em frente ao templo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em Porto Alegre, à espera de um grupo de pesquisadores alemães que vem conhecer esse fenômeno religioso. Enquanto espero no *hall* de entrada, uma obreira da igreja distribui às pessoas que estão saindo da reunião, minúsculos sacos plásticos contendo areia. Pergunto para uma senhora que está próxima a mim, o significado desse objeto e qual o seu uso. Ela responde que se trata de “terra santa”, trazida de Israel pelos bispos da IURD. Essa *terra santa* deve ser espalhada em qualquer lugar da casa, escritório ou outro lugar onde se deseja a bênção da prosperidade, do sucesso financeiro. Serve para desobstrução dos espíritos malignos que oprimem o espaço físico e impede o sucesso pessoal. A mulher sente-se privilegiada pela pergunta, interpretando a situação como tendo sido o próprio Deus quem me impelira a perguntar-lhe, dando-lhe, assim, a oportunidade para dar o seu testemunho e trazer-me a mensagem fundamental que essa igreja proclama: “a do sucesso nas três áreas principais da vida”. Ela me diz, então, que serei “grande se entrar para a Igreja Universal”. E acrescenta:

Tem certos corpos que não valem a pena investir. Não vale a pena porque é um corpo que não vai dar em nada. Mas eu sei que você será grande se entrar para a Igreja Universal. Você será grande financeiramente,

emocionalmente e terá muita saúde. Essas são as três áreas em que a pessoa se torna grande quando entra para a IURD.

A proposta parece atrativa, pois, como cantam os Titãs, “a gente não quer só comida. A gente quer bebida, diversão e arte. A gente não quer só comer. A gente quer prazer pra aliviar a dor. A gente não quer só dinheiro. A gente quer dinheiro e felicidade”. E Gonzaguinha reitera: “Ninguém quer a morte, só saúde e sorte”.

De fato, a proposta de felicidade plena – baseada na posse de dinheiro, saúde e bem-estar – resume o ideal de vida socialmente produzido na contemporaneidade. As redes de produção de subjetividade, ao trabalhar com essas mesmas coordenadas, produzem, simultaneamente, a idéia de que esse é o modo “natural” de ser e de viver. O ideal não é colocado em questão, mas continuamente reforçado pelas novas tecnologias que surgem para “contribuir” na busca desse ideal.

Neste contexto, a experiência religiosa fomentada pela IURD apresenta-se como legítima, no sentido de que sua missão e finalidade constitui-se como uma, entre outras alternativas sociais, que portam uma promessa de felicidade e de fim ao sofrimento e se propõem a ajudar o sujeito a alcançar os ideais criados na contemporaneidade.

Essas considerações iniciais nos despertam para a reflexão sobre esse fenômeno religioso contemporâneo que tem crescido vertiginosamente no país e fora dele (a IURD

já se encontra em quase 90 países), e nos confronta com questões éticas que envolvem saúde, sofrimento humano, questões que tanto dizem respeito à Teologia quanto à Psicologia.

Considerando aqui os limites dessa exposição, alguns recortes se fazem necessários e alguns conceitos também serão tratados de forma breve. Deixo para outra ocasião, a exposição da genealogia como método da pesquisa realizada. A reflexão segue com uma breve elucidação da proposta de sacrifício da IURD, apresenta a noção de narcisismo na perspectiva da subjetividade e analisa a articulação das *forças de narcisização* na prática iurdiana de sacrifício.

A base da experiência religiosa da Igreja Universal: o sacrifício como tecnologia do Eu

A propaganda-convite, no *site* da IURD, convoca o sujeito a participar das "reuniões da felicidade". Em diferentes línguas, seu *slogan* ao redor do mundo é: "Pare de sofrer". Ela promete acabar com: "depressão, ataque de pânico, dores de cabeça, ansiedade, desemprego, solidão, alcoolismo, envolvimento com drogas, problemas familiares, dívidas e doenças graves: câncer e vírus do HIV".

Vê-se, pois, que sua preocupação é com o bem-estar e a felicidade do indivíduo. Ela acolhe, diariamente, em seus templos, centenas de pessoas que sofrem, promovendo reuniões que acontecem em torno de cinco a sete vezes por dia, dependendo do país. Às segundas-feiras, suas reuniões se voltam para o tratamento dos sofrimentos advindos do desemprego e dificuldade nos negócios. É o dia do "Congresso dos Empresários". "Sessão de Descarrego e Cura" cujo objetivo é dar conta dos problemas de saúde física, mental e espiritual é o tema das reuniões de terça-feira. Às quartas-feiras, estudam-se textos bíblicos que embasam a proposta do sacrifício. Às quintas-feiras, problemas familiares. Às sextas-feiras, libertação pessoal com muitas orações de exorcismo. Aos sábados, Terapia do Amor e aos domingos, a chamada "Terapia Espiritual".

O sujeito que se abre a uma experiência religiosa pressupondo que a religião tem poder para "curar" sua sensação de mal-estar difuso é acolhido na IURD com singular empatia. Ele se identifica com este lugar que reúne milhares de pessoas cujas necessidades emocionais e espirituais são espelhadas. Porém, mais do que isto, este indivíduo é instrumentalizado para a operacionalização do universo sobrenatural em seu benefício. Essa instrumentalização baseia-se na oferta (feita por uma *autoridade espiritual*) de uma tecnologia: o sacrifício em dinheiro. O sacrifício funciona, então, como uma técnica através da qual o indivíduo busca alcançar o ideal de felicidade, bem-estar e sucesso financeiro.

Assim, ao oferecer ao indivíduo participante de uma sociedade competitiva, um "conhecimento diferencial"

expresso na tecnologia do sacrifício, este passa a sentir-se em vantagem em relação aos demais: ele se torna apto a operar técnicas que acessam o sobrenatural. Enquanto "os outros" contam apenas com os próprios recursos, ele pode contar, também, com o sobrenatural a seu favor em função do domínio da técnica do sacrifício – *moeda de troca* com o divino e ao mesmo tempo *rito* que marca a "aliança com Deus, de quem o sujeito se torna sócio e aliado", como esclarece Macedo em seus sermões.

O funcionamento da IURD aponta, pois, para uma experiência religiosa que pode ser resumida, grosso modo, da seguinte forma: O sofrimento e o mal-estar, a pobreza material e a falta de saúde são sinais de opressão maligna. Mas Deus quer que o ser humano seja próspero, rico, que goze, nesta vida, sucesso e felicidade plena – sinais de bênção divina. Este estado de gozo pode ser alcançado através de uma aliança com Deus e tem como condição uma "fé que se materializa" na realização de um sacrifício, em dinheiro. "O sacrifício é o caminho mais curto entre o querer e o realizar", seguidamente afirma Macedo, o fundador da igreja e assim repetem os pastores.¹

Busca-se, pois, nessa experiência religiosa, não mais um lugar onde se permita a construção de sentido para a vida. Afinal, no modo dominante de subjetivação, o sentido da vida já está dado: é ser feliz. Busca-se, sim, estratégias, tecnologias eficazes na promoção de tudo que pode ser colocado ao abrigo da idéia de felicidade. Tem-se felicidade como sinônimo de prazer. Neste sentido, quanto maior, mais imediato e mais constante o prazer, maior é a ilusão de que se está sendo feliz. Assim, o indivíduo emprega suas energias na busca da própria felicidade/prazer sem tempo para preocupações outras que não seja o "eu mesmo", que não seja o atendimento das necessidades corporais de prazer. E a religiosidade promovida pela IURD busca instrumentalizar o indivíduo nessa experiência de gozo aqui-agora, não numa vida além desta. Sendo, pois, uma forma de religiosidade que busca libertação e não mais a salvação (como as cristãs tradicionais), o foco deixa de ser a *transformação do mundo*, para instrumentalizar o sujeito a *gozar o mundo*. O sacrifício iurdiano constitui-se, pois, numa *tecnologia do eu* que possibilita alcançar esse alvo.

Segundo Foucault (1996), as *tecnologias* são estratégias utilizadas para algum tipo particular de dominação. Existem as tecnologias de produção, as de sistemas de signos, as de poder e as tecnologias do Eu. Estas últimas:

permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre o seu corpo e sua alma, pensamentos e conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim, uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade (p. 48).

Portanto, pela *técnica do sacrifício*, o indivíduo busca mudanças em sua subjetividade visando alcançar um estado de bem-estar, supressão do sofrimento, prosperidade e riqueza como fim último da existência e como sinal de bênção divina.

A auto-identificação da igreja como Centro de Ajuda Coletiva e/ou Centro de Ajuda Espiritual e o slogan “Pare de Sofrer” deve-nos dizer alguma coisa. Freud (1914/1988) já observara que quando o corpo sofre o sujeito volta-se narcisicamente para si mesmo. Os sofrimentos tratados pela IURD afetam diretamente a subjetividade na dimensão das *forças de narcisação*, pois, expressam sentimento de inferioridade, inadequação, retraimento, apatia, medo de arriscar e apontam para o fato de que todas essas sensações podem ser colocadas ao abrigo da noção de *vergonha*. A vergonha tem a ver com um funcionamento egóico e pode ser uma das expressões mais profundas do que tenho caracterizado como *forças reativas de narcisação*.

Assim, antes de prosseguir na reflexão sobre o modo como a técnica do sacrifício lida com a vergonha (traço característico da subjetivação dominante), vejamos como a compreensão do narcisismo como *força performática* nos auxilia na elucidação desse processo.

Narcisismo como força performática: as forças ativas e as forças reativas de narcisação

Freud (1914/1988) elaborou a Teoria do Narcisismo para explicar um estágio pelo qual passa todo o indivíduo no processo de evolução psíquica. Em linhas gerais, a noção de narcisismo pode ser compreendida como interesse do indivíduo por si próprio, ter prazer consigo mesmo. Trata-se de uma compreensão de ser humano desde uma perspectiva estrutural, desenvolvimentista, identitária e intrapsíquica e como unidade individual contraposta ao social.

A presente reflexão, entretanto, tem como ponto de partida, a noção subjetividade. Esta pode ser entendida como uma composição que resulta de um jogo de forças, mutuamente implicadas, de Saber, de Poder e de subjetivação (o Si). Essa composição de forças forma um “território existencial” aberto à contínuas mudanças que se operam a partir das relações de força, de poder de afetar e ser afetado. Nas palavras de Deleuze (1998), a subjetividade é como uma “dobra do fora”, o que significa que exterior e interior são feitos da mesma matéria. Trata-se de “uma ondulação do campo, como um encurvamento desacelerado, como uma dobra das forças do Fora, invaginação através do qual se cria um ‘interior’” (Pelbart, 1989, p. 16).

Então, se o foco da problemática não se situa na constituição do indivíduo para, a partir dele, explicar o social, a utilização da Teoria freudiana do Narcisismo numa re-

flexão que trabalha com o conceito de subjetividade torna-se inadequada. Por essa razão, faz-se necessário explicitar como o narcisismo pode ser compreendido na perspectiva da subjetividade.

Da perspectiva da subjetividade, o narcisismo não é tomado como um estágio a ser ultrapassado, e sim, como *força performática* que entra na relação de forças que compõe a subjetividade. Prefere-se, pois, o uso da expressão *forças de narcisação*, sendo que elas podem se configurar em um modo *ativo ou reativo*, na composição do jogo de forças que configura as subjetividades, continuamente em processo de diferenciação.

Entendemos que a Teoria do Narcisismo, representando um saber sobre o indivíduo, entra no incessante jogo de forças, como um “constructo de verdade”. O jogo de forças é próprio do movimento de criação da vida, da produção de subjetividade. Isto significa que um mesmo elemento pode se configurar de forma diferente, em função do modo como se dão as relações de força e a produção de subjetividade, pois tudo depende do modo como as forças são dobradas (Silva, 2005). Isto nos ajuda a entender as mudanças pelas quais tem passado a noção de narcisismo, desde o nascimento desse constructo teórico até se tornar senso comum. Hoje, quando se fala em narcisismo, a maioria parece saber do que se trata, em função do uso corrente de expressões como “sociedade narcísica”, “cultura narcísica”, “indivíduo narcísico”. Trata-se, pois, de uma noção que foi naturalizada, “tornada natural”, pois, a prática de interessar-se por si próprio, de ter prazer consigo mesmo, não existiu desde sempre. Foi produzida.

Nietzsche (1881-1887/2005) observa que:

atualmente, as pessoas só se sentem responsáveis por aquilo que querem e por aquilo que fazem, [embora] os nossos juristas fazem partir tudo deste amor próprio individual, deste prazer consigo mesmo, como se a fonte do direito daí tivesse jorrado desde sempre (p. 111).

A configuração capitalista, em seu processo de fabricação do indivíduo, produziu o interesse do indivíduo por ele mesmo. Também as religiões de salvação, ao colocaram ênfase na responsabilidade individual sobre a própria salvação, reafirmaram a idéia de indivíduo. Assim, o sujeito contemporâneo já não sente culpa por olhar para si próprio como acontecia “durante o período mais longo da vida da humanidade”. Segundo Nietzsche (1881-1887/2005):

nada havia de mais aterrador para o homem do que sentir-se isolado. Estar só, experimentar como indivíduo, não obedecer nem dominar, significar um indivíduo não era um prazer nessa época, era uma punição; o homem era condenado a ‘ser um indivíduo’. Tudo o que prejudicava o rebanho, resultante ou não do desejo do indivíduo, provocava nele remor-

... sos, provocava-os no seu vizinho e, até na totalidade do rebanho! Foi quanto a este ponto que mais alteramos a nossa maneira de pensar e sentir (p. 111).

... como autorealização afetiva, econômica, de sucesso pessoal ou bem-estar físico." (como citado em Esperandio, 2006, p. 56).³

O modo individualista da subjetivação dominante cria a ilusão de que a preocupação com os próprios interesses é sinônimo de criação de uma singularidade própria. Nesse modo de subjetivação, a extensão da responsabilidade pessoal limita-se às fronteiras do próprio eu. A legitimidade "dada" ao indivíduo, pelo social, de responsabilizar-se por aquilo que quer, liberou-o, de certo modo, do sentimento de culpa por voltar-se para si mesmo. A liberdade alcançada, desvinculando-se da consideração pelo outro, embora tenha minimizado a culpa, cobra o seu preço de outro modo: pela experimentação da vergonha – que resulta do processo onde as *forças reativas de narcisação* parecem triunfar.

Um exemplo de configuração das *forças reativas de narcisação* pode ser visto no trabalho de Lasch (1987) quando este caracteriza a *cultura narcísica* da sociedade contemporânea como tentativa de sobrevivência do eu, como uma produção em massa de um "eu mínimo".

Há, na Contemporaneidade, uma produção sistemática e cotidiana do sentimento de vergonha em função das mais diversas demandas dirigidas à configuração de um ideal de subjetividade. Por exemplo: a demanda pelo corpo² "perfeito" (e isto refere-se tanto ao corpo masculino quanto feminino); a demanda pela beleza e juventude eterna; a demanda por "estar na moda"; por parecer uma pessoa de sucesso; por parecer que tem dinheiro e poder; a demanda por parecer que está feliz, saudável e de bem com a vida; a demanda por uma profissão rentável e de sucesso; por uma carreira acadêmica prestigiosa, e assim por diante. Estas demandas atuam nos processos de subjetivação como forças a serem dobradas. Assim, dependendo de como a subjetividade dobra tais forças, o sentimento de vergonha por não alcançar estes ideais pode emergir como expressão do predomínio das *forças reativas de narcisação*.

Já a característica das *forças ativas de narcisação* é sua plasticidade. Sua força vai até o limite do que pode e, segundo a descrição de Nietzsche (1881-1887/2005), trata-se de uma força que "afirma a diferença, que faz da sua diferença um objeto de alegria e afirmação" (criação do próprio ser). As forças não se definem sozinhas, a não ser em relação com outras forças, ou seja, no encontro entre os corpos, na afecção dos sentidos e da sensibilidade que acontece nos encontros. Só nos encontros é que a diferenciação das forças se torna possível e é neles que se delineará a configuração subjetiva que implica sempre um eu no mundo: relação consigo, com o outro, com o mundo. Se na dinamização deste processo de relação de forças que acontece nos encontros houver abertura ao outro e sensibilidade para acolher e afirmar a diferença, haverá criação e enriquecimento das subjetividades envolvidas no processo.

A noção de *forças de narcisação* torna-se, então, uma importante ferramenta conceitual para auxiliar na compreensão dos processos de subjetivação contemporâneos que lidam com elementos geralmente identificados como próprios do narcisismo, e que nem sempre podem ser compreendidos, simplesmente, como uma configuração "primitiva", "infantil" ou, simplesmente, "reativa". Por isto, parece-nos pertinente o uso da noção de *forças reativas de narcisação e forças ativas de narcisação*.

A noção de *forças ativas de narcisação* supõe a indiscernibilidade do cuidado de Si e do outro. A prática do cuidado de Si é simultânea e inseparável do cuidado do outro. Essa idéia é sustentada a partir da reflexão Winnicottiana a respeito da constituição do *verdadeiro* e do *falso self* e de como o cuidado (de si e do outro) é fundamental nesse processo. Winnicott (1983) exemplifica esse processo a partir do que ele chama de *devoção* da mãe, no cuidado com o bebê. Na prática do cuidado, onde a mãe tem uma atitude de devoção, há uma fusão temporária (mas não indiferenciação, pois, segundo ele, "é preciso ser primeiro dois para depois ser um") da mãe com o bebê, mas não caracteriza aí um narcisismo reativo. Pelo contrário, esta fusão temporária é condição para que o bebê desenvolva-se como ser criador. Este autor afirma que a devoção "tem implicações tanto hipocondríacas como narcisistas secundárias, [mas] é por causa dessa identificação com o bebê que ela sabe como protegê-lo, *de modo que ele comece por existir e não por reagir*" (p. 135). É, pois, justamente essa prática de cuidado que permitirá ao sujeito ir construindo o valor de uma vida que valha a pena ser vivida. Para Winnicott (1975), a capacidade de criação do "próprio estilo" (de forma original), depende do cuidado – que não deve ser nem demais nem de menos – mas, sim, "suficiente". Diz ele: "Percebemos agora que não é a satisfação instintual que faz um bebê começar a ser, sentir que a vida é real, achar a vida digna de ser vivida" (p. 137). Ainda segundo o autor, são construções

De maneira bastante sucinta, podemos caracterizar, aqui, como *forças reativas de narcisação* aquelas que buscam apenas a *adaptação e conservação* da vida. São forças que configuram um modo de subjetivação onde, segundo Costa (2001):

o sujeito é o ponto de partida e chegada do cuidado de si. Ou seja, o 'que se é' e o 'que se pretende ser' deve caber no espaço da preocupação consigo. Família, pátria, Deus, sociedade, futuras gerações só interessam ao narcisista [no modo reativo] como meios de autorealização pessoal, em geral entendida

simultâneas: o ser e a experiência afirmativa de estar/sentir-se vivo, e a criação da cultura. Essa experiência só se torna possível pelo cuidado exercido. O modo como o cuidado é realizado possibilitará maior ou menor potência de realização pessoal e participação cultural. E poderá ser indicativo de *forças ativas ou reativas de narcisização*.

Vejamos, agora, como a noção de *forças ativas e reativas de narcisização* pode contribuir na análise da prática do sacrifício iurdiano.

As forças de narcisização e a prática do sacrifício iurdiano

A experiência religiosa promovida pela IURD captura o desejo de independência, de autonomia do indivíduo e trabalha, através da *tecnologia do sacrifício*, o sentimento de vergonha que restringe a subjetividade e a despotencializa. Ao entregar a oferta de sacrifício em dinheiro, o indivíduo lida com sua vergonha, com seu desejo de ser afirmado em sua grandiosidade, em sua potência. A vontade de potência é, então, capturada em um modo que o desejo fica reduzido à ambição pelo lucro, ao desejo de posse, ao desejo de pequenos prazeres ou mesmo ao atendimento de necessidades básicas da vida. Troca-se com o divino através do sacrifício em dinheiro. Busca-se Deus como aliado e sócio, como diz Macedo (2001, p. 20). Neste processo, aprisiona-se, também, a potência de ser como parte/participante da construção da vida para além da dimensão individual. A fé, então, transforma-se em certeza de retorno de um investimento feito em si próprio.

O pressuposto referencial para trabalhar com a vergonha de *ser* menos e/ou de *ter* menos, ao basear-se na crença de que gozar, ter uma vida de prazer, sem sofrimento e mal-estar é a finalidade última da existência, reafirma o estilo de vida dominante produzido pela sociedade contemporânea.

Um modo de religiosidade que afirma o princípio do prazer desvinculado da responsabilidade, do cuidado de si e do outro em simultaneidade, é, a meu ver, uma religiosidade baseada nas *forças reativas de narcisização*. Sobre tudo, porque promove a *conservação e reprodução* de um modo de existência. É uma religiosidade que tem como efeito a construção de uma *subjetividade religiosa capitalística*, onde o prazer e o gozo advém do lucro que se alcança nas trocas. A vergonha é, desse modo, trabalhada em sentido avesso. Ao entregar um sacrifício para Deus (em dinheiro) e ser fiel nos dízimos e nas ofertas porque receberá como recompensa o sucesso, a prosperidade e o bem-estar, o sujeito acredita que está pagando a dívida contraída quando aceitou a dádiva, a graça divina no presente simbolizado pelo Cristo. Assim, é preciso sacrificar, pagar o presente recebido. Ao aceitar o presente divino, que é a salvação trazida pelo Cristo, o fiel contrai uma dívida que só pode ser resgatada mediante a entrega de um bem que seja tão grande quanto o próprio

filho de Deus. Na contemporaneidade, fazemos dinheiro com nosso trabalho, com nossa vida. Dar dinheiro para Deus significa, nessa lógica, dar a própria vida. E quando se troca com Deus, têm-se recompensas, sobretudo a prosperidade e o sucesso, segundo a IURD. E, de fato, vida pode até melhorar em razão de que a vergonha passa a ser, em parte, substituída pela ousadia, pela arrogância de saber-se capaz também de fazer altas doações (como a oferta de sacrifício). Mas a lógica reativa permanece a mesma, porque não há reconhecimento da diferença (entre Deus e o ser humano) e recebimento da graça: aceitar que é aceito pelo divino. Há, sim, tentativa de pagar a dívida da dádiva divina (simbolizada no sacrifício do Cristo). No mundo da troca é esse modo de religiosidade que faz sentido. Mas na hermenêutica cristã, da graça, esse discurso é estranho a Deus.

Numa sociedade que estimula a auto-estima e ao mesmo tempo captura a capacidade criativa do ser humano, o discurso da culpa (presente na maioria das formas religiosas cristãs tradicionais) parece estar perdendo a atração, pois pouco sentido faz à subjetividade contemporânea e seu valor passa a ser questionado. Neste contexto, muitos têm encontrado na religiosidade iurdiana e outras assemelhadas, alívio para o sofrimento de um falso *self* (um *self* envergonhado). Mas religiosidades que sustentam uma lógica reativa não resgatam o verdadeiro *self*, apenas ajudam na construção de defesas para o falso *self* se movimentar com mais prazer, com mais gozo, com mais “felicidade”.

Para continuar pensando...

Deleuze (s.d.) afirma que as forças reativas “separamos do nosso poder, mas dão-nos, ao mesmo tempo, um outro poder, tão ‘perigoso’ como ‘interessante’”. Trazem-nos novas afecções, ensinam-nos novas maneiras de ser afetados. Há qualquer coisa de admirável no devir reativo das forças, admirável e perigoso” (p. 101). O devir reativo tanto tem poder de *conservar* a vida, conservação duma vida fraca, diminuída, reativa, quanto tem poder, também, de destruição de si mesmo.

Ainda não temos compreendido, suficientemente, que a violência que cotidianamente nos assalta; a precariedade dos suportes de existência advindos do trabalho e da propriedade social; a indiferença em relação à injustiça na distribuição das riquezas produzidas; e tantos outros sofrimentos que favorecem o aparecimento do pânico, da depressão, da falta de saúde diversas, etc., tem íntima relação com as *forças reativas de narcisização* que estão em movimento através das várias instâncias que participam dos processos de subjetivação na contemporaneidade.

Que grupo, que instituição, que modelo de psicoterapia, ou mesmo que tipo de religiosidade apresenta-se, hoje, com a potência de produzir modos de subjetivação que

coloquem em atividade as *forças ativas de narcisização* e venha a produzir uma nova sensibilidade, um outro modo de sentir? Urge à Psicologia e, também, à Teologia refletir sobre a produção de uma nova sensibilidade e em formas de instrumentalização que possibilitem a promoção de processos outros que produzam subjetividades que busquem o cuidado de si que implica no cuidado do outro, e que sejam, por isso mesmo, afirmação da vida em sua potência de criação.

Notas

- ¹ As frases clichês a respeito do sacrifício e da fé podem ser ouvidas em quase todas as reuniões da IURD, nos mais diferentes templos e nas mais diversas cidades e países. No período de minha pesquisa de campo visitei, aproximadamente, uma centena de reuniões da IURD nas mais diversas cidades do Brasil, incluindo Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador, entre outras, e em alguns países como Chile, Argentina, Portugal, EUA e África do Sul.
- ² O livro organizado por Mirian Goldenberg, *Nu e Vestido*, aponta que, em 2001, estima-se que tenham sido realizadas no Brasil 400.000 cirurgias plásticas.
- ³ Costa (2001) não trabalha com a noção de *forças reativas de narcisização*. Esta citação é retirada de um contexto onde ele descreve o modo de subjetivação narcísico da contemporaneidade. Mas, a meu ver, o que ele descreve define bem a idéia do que desenvolvo aqui como *forças reativas de narcisização*.

Referências

- Deleuze, G. (1998). *Foucault* (4. ed.). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Deleuze, G. (s.d.). *Nietzsche e a Filosofia*. Lisboa, Portugal: Rés.
- Costa, J. F. (2001, ago./dez.). Culpa e dívida em Nietzsche. *Extensão: Cadernos da Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas*, 11(35-36). Retirado de <http://www.jfreirecosta.com/>
- Esperandio, M. R. G. (2006) *Narcisismo e sacrifício: Modo de subjetivação e religiosidade contemporânea*. Tese de Doutorado não-publicada, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS.
- Foucault, M. (1996). *Tecnologías del yo*. Barcelona, España: Paidós Ibérica.

- Freud, S. (1988). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In *Obras completas*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1914)
- Lasch, C. (1987). *O mínimo eu. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Macedo, E. (2001). *Aliança com Deus*. Rio de Janeiro, RJ: Universal.
- Macedo, E. (2003). *O perfeito sacrifício. O significado espiritual dos dízimos e ofertas*. Rio de Janeiro, RJ: Universal.
- Nietzsche, F. (2005). *A Gaia Ciência*. São Paulo, SP: Martin Claret. (Original publicado em 1881-1887)
- Pelbart, P. P. (1989). *Da clausura do fora ao fora da clausura: Loucura e desrazão*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Silva, R. N. da. (2005). *A invenção da Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Mary Rute Gomes Esperandio é Psicóloga e Doutora em Teologia. Pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Protestantismo (NEPP). Professora convidada da Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo-RS. Endereço para correspondência: Av. Benjamin Constant, 373, apto. 104, São João, Porto Alegre, RS, 90.550-003. Tel. (51) 8425-8339

mresperandio@gmail.com

Narcisismo reativo e experiência religiosa contemporânea: culpa substituída pela vergonha?

Mary Rute Gomes Esperandio
Recebido: 31/10/2006
1ª revisão: 23/01/2007
Aceite final: 21/01/2007